



DOM BOSCO, HISTÓRIA E CARISMA (Vol. 3)
(P. Arthur J. Lenti – sdb)

CAPÍTULO XIV
OS ANOS DE DECLÍNIO FÍSICO DE DOM BOSCO
(1884 – 1887)

1. SITUAÇÃO

Nem mesmo nos últimos anos, Dom Bosco deixou sua atividade febril: as viagens longas e extenuantes, a Presidência dos Capítulos Gerais, as contínuas intervenções para garantir o futuro da sua jovem Congregação e o bom ambiente no Oratório, sua atuação como escritor e o novo impulso dado ao apostolado da imprensa são provas evidentes de um dinamismo incansável.

Esse período também foi o do seu declínio físico, com vários episódios de doenças que terminaram a sua morte, período que se torna instrutivo, porque é totalmente pessoal.

Sua morte não foi nem repentina nem inesperada. Sofrera enfermidades crônicas graves ao longo de muitos anos. Seu estado piorou progressivamente, a ponto de, em 1884, uma grave doença crítica quase tê-lo obrigado a retirar-se, marcando o início de um declínio de três anos até o fim.

2. HISTÓRICO MÉDICO

Os episódios de 1846 e 1871 são bem documentados. A enfermidade de 1846 culminou num longo combate contra uma doença caracterizada por sintomas associados ao sistema respiratório: fraqueza, dores no peito, escarro com sangue e febres intermitentes. Eram os tempos do Oratório itinerante.

A enfermidade de Varazze (1871-1872), que durou quase dois meses, foi grave sem dúvida, embora talvez não pusesse sua vida em perigo. A documentação de Enria mostra que se tratava de uma complexa conjunção de várias doenças: crise reumática, febre miliar, furúnculos, tumores etc.

2.1 – A CRISE DE 1884:

Em 1884, teve início um inexorável e progressivo colapso físico. A partir de 1871 foi se desenvolvendo nele uma enfermidade que comprometia progressivamente suas vértebras e produzia nele um inchaço edematoso muito doloroso nas extremidades inferiores.

É certo que, tendo-se resolvido o contencioso com Dom Gastaldi, ele desfrutava de um período de paz e contava com o apoio total e a grande estima da autoridade da Igreja local, o arcebispo cardeal Alimonda, em particular. Além disso, via-se envolvido pelo amor filial incondicional de seus muitos filhos.

Entretanto, continuava a trabalhar sem descanso, pressionado constantemente por numerosas preocupações; a obra na América do Sul, as questões econômicas, os privilégios não concedidos, o temor pelo futuro da Congregação, para mencionar alguns.

2.1.1 - A crise de fevereiro

O início de uma primeira e grave crise aconteceu em fevereiro. Os salesianos alarmaram-se pela situação. Em 8 de fevereiro, inclui em seu **Testamento espiritual** uma lista de benfeitores importantes, com mensagens que lhes deveriam ser entregues depois de sua morte.

Contraíu quase em seguida uma séria bronquite. Mais uma vez, os sintomas registrados eram fraqueza extrema, dores no peito, escarros com sangue, batimentos cardíacos fracos e pulso fraco.

2.1.1.2 - Viagem à França e diagnóstico do Doutor Combal

Contrariamente a todos os conselhos, em 1º de março de 1884 iniciou uma viagem ao sul da França à busca de recursos financeiros. Durante sua permanência em Marselha, em 25 de março, foi visitado por um médico importante, Doutor P. M. Combal. O diagnóstico e a prescrição do médico, cujo original em francês é conservado no Arquivo Salesiano Central, confirmou as opiniões anteriores.

Os relatórios, que o reverendo Dom Bosco me apresentou sobre os antecedentes e o resultado das pesquisas que eu mesmo fiz, autorizam-me a dar o seguinte diagnóstico. Ele sofre de uma condição, cuja patologia é, ao mesmo tempo, geral e local.

A. Elementos gerais :

1. Fraqueza geral com anemia.
2. Desvio de fluxo para as áreas mucosas do aparato respiratório.
3. Eretismo (irritabilidade excessiva) do sistema nervoso.
4. Talvez, também um resíduo de malária.

B. Elementos locais :

1. Alguma irritação na mucosa bronquial, resultante da repetição dos movimentos do fluxo.
2. Ligeiro aumento do volume do fígado. Estes diversos elementos são a base das indicações terapêuticas principais.

O Doutor Combal prescreveu, portanto, uma ligeira e suave dieta, com um conjunto bastante complexo de remédios tônicos, diuréticos e laxantes. Estes paliativos não serviriam para curar o “desvio de fluxo para as áreas mucosas do aparato respiratório”. Em todo caso, é pouco provável que Dom Bosco tivesse seguido esse elaborado programa dietético.

2.1.1.3 – A crise de Setembro (1884)

O dia 14 de setembro de 1884 marcou o início de uma segunda crise.

As fontes falam de erisipela, inflamação aguda da pele. A causa mais provável, porém, era a condição bronquial crônica com seus transtornos do sangue. A condição era tão grave que o Conselho Superior colocou a questão da morte de Dom Bosco.

2.2 – PRÉ-AFASTAMENTO E DECLÍNIO (1885-1887)

Após o repouso no leito e um período de convalescência, Dom Bosco novamente “se recuperou”.

No início de 1885, de 1886 e de 1887 fez três viagens extenuantes: uma ao sul da França, outra à Espanha (Barcelona), ambas com a finalidade de coletar fundos e fortalecer a obra salesiana nesses países; e uma terceira a Roma, para a consagração da Igreja do Sagrado Coração.

Nestas viagens Dom Bosco tem a companhia do clérigo Viglietti, mais tarde sacerdote, que anotava com fidelidade e perspicácia suas palavras e atividades. Estava

especialmente atento ao estado de saúde de Dom Bosco e aos altos e baixos aos quais era submetido.

Na viagem à França destaca-se uma conferência feita (1885) aos salesianos cooperadores em Marselha. Viglietti destaca :

- Em primeiro lugar, sua má saúde impedia-o de fazê-lo (= longa conferência). Ele queria dar graças a Deus e, além de a Ele, aos Cooperadores pela sua caridade e generosidade.

. Viagem a Barcelona nos inícios de 1886

No dia 8 de abril de 1886 Dom Bosco chega a Barcelona.

Dois dias depois da chegada teve o **sonho de Barcelona**, aquele no qual a senhora Pastora lhe mostrou vinte estações missionárias numa linha que se estende de Santiago (Chile) através do centro da África, até Pequim (China).

Viglietti recolheu o sonho como o escudou de Dom Bosco.

O **Diário de Barcelona**, como é conhecida esta seção da crônica de Viglietti, apresenta um Dom Bosco totalmente disponível às multidões que o adoram e dos amigos e benfeitores especiais.

2.3 – INÍCIOS DE 1887

Viglietti se ordenou sacerdote no dia 18 de dezembro de 1886 e continuou sendo o “fiel guardião de Dom Bosco”, “o filho predileto de papai”.

Nos primeiros meses de 1887 Padre Viglietti relata que Dom Bosco durante as refeições fala muito pouco e parece estar sempre absorto em seus pensamentos.

Os sonhos e os pesadelos aterradores também persistem; provém de seus temores quanto ao futuro da Congregação.



Padre Carlos Maria Viglietti (1864-1915).

. Última viagem, a Roma

Aparentemente, a “recuperação “ foi suficientemente boa para fazer a última e provavelmente a mais difícil de todas as suas viagens, a Roma, para a consagração da Igreja do Sagrado Coração. Chega a Roma em 30 de abril.

Em 13 de maio, véspera da consagração da Igreja, Leão XIII recebeu Dom Bosco, o Padre Rua e o Padre Viglietti em audiência especial aos três, uma demonstração de afeto por parte do Papa.

. Verão e outono de 1887

A viagem a Roma foi muito estressante. O Doutor Albertotti precisou intervir. Ele escreve:

“Dom Bosco voltou a Turim em condições muito precárias. Agora precisa apoiar-se numa bengala. Já não podia caminhar sem ajuda, porque a cada passo oscilava perigosamente. Isso se devia à piora patológica progressiva da coluna, assim como ao inchaço edematoso na parte inferior das pernas”.

O calor impróprio desse tempo voltou a ser um problema, pois Dom Bosco sofreu imediatamente a perda de apetite e teve dificuldades para respirar. Em julho e agosto passou uma temporada em Lanzo, onde o ar fresco da montanha lhe dava algum alívio.

Em fins de setembro, a saúde de Dom Bosco deteriora-se ainda mais. Os sonhos continuavam; alguns deles expressavam sua preocupação com o bem estar da Congregação. Isto continuou até fins de outubro o que não o impediu de assistir à cerimônia da tomada de hábito clerical do príncipe Augusto Czartoryski, em fins de novembro de 1887.

. Pressentindo o fim: de 1º a 20 de dezembro de 1887

Em dezembro, as coisas foram de mal a pior. Todavia, a viagem dos primeiros salesianos para o Equador e o regresso de Dom Cagliero, da Argentina, no início de dezembro, foram experiências significativas para Dom Bosco, consumido como estava em sua sempre maior incapacidade física.

Os médicos incentivavam a Dom Bosco para que fizesse passeios ao ar livre e ele era muito afeiçoado a esse tipo de recreação. Assim, apoiando-se em sua bengala, com a ajuda de Viglietti e outros, Dom Bosco fazia suas lentas e dolorosas caminhadas.

De 20 de dezembro de 1887 até 31 de janeiro de 1888, dia de sua morte, Dom Bosco não deixou mais o seu quarto; na verdade, não deixou mais a cama.

CAPÍTULO XV A ÚLTIMA ENFERMIDADE

ÚLTIMA ENFERMIDADE

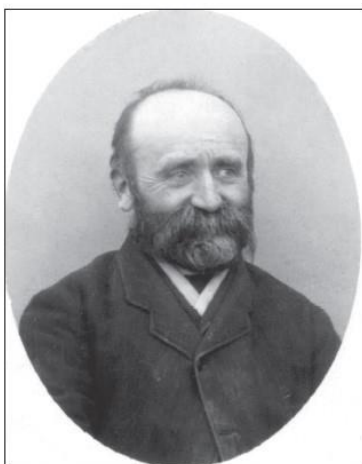
A última enfermidade de Dom Bosco mais do que uma nova doença era na verdade, uma recaída de sua já crônica situação cardiopulmonar com sintomas que se agravaram e com sérias complicações..

Em 1967, como conta Molineris, o cirurgião e professor de medicina doutor J. Gucci, estudou o histórico médico de Dom Bosco a partir dos relatos existentes. Os sintomas registrados levaram-no à convicção de que Dom Bosco desenvolvera um caso grave de enfisema.

Nos anos de 1887 e 1888, a oxigenação do sangue na rede alveolar dos pulmões chegou a ser tão reduzida, que foram gravemente afetadas também as funções de outros órgãos vitais, concretamente o coração, o fígado e os rins. Era essa a condição de Dom Bosco quando se pôs de cama em 20 de dezembro de 1887.

1 – PRIMEIRA CRISE: DE 20 A 31 DE DEZEMBRO

O Coadjutor Pedro José Enria, que acompanhou Dom Bosco até ao dia da morte, descreve :



Coadjutor Pedro José Enria (1841-1898).

“No primeiro dia em que se viu obrigado a ficar acamado foi um dia de luto para todos. À tarde, seu estado era muito pior . Foi assim que comecei a passar a noite toda junto à sua cama. Foi uma noite dolorosa. O querido pai tinha muitas dores. Não conseguia descansar, qualquer que fosse a posição tomada. Seu sofrimento deve ter sido insuportável. E, contudo, nem uma só vez se queixava”.

Dom Bosco, entretanto, não se deixou enganar. Sua condição agravou-se no dia seguinte. O enfermo sabia como

estava e queria que alguém estivesse preparado para administrar-lhe os últimos sacramentos.

No dia anterior ao Natal (23/12), bem cedo, Dom Bosco recebeu o santo viático administrado solenemente por Dom Cagliero.

Enquanto o estado físico de Dom Bosco se agravava Padre Rua, indicado Vigário com direito a substituição, informa aos salesianos do mundo enviando boletins.

Padre Viglietti observa o grande interesse pelo estado de Dom Bosco na imprensa e entre o povo. Descreve principalmente as orações e os exercícios religiosos oferecidos em todas as partes pela sua recuperação. E acrescenta: “Apesar de ter sido pedido várias vezes a Dom Bosco para que rezasse a Deus pela sua cura, ele sempre se negou. Respondia: **“Que se faça em mim a vontade de Deus santo”**”.

Mais adiante, escreve: Dom Bosco insiste para que os médicos lhe digam a verdade sobre seu estado. **“Saibam os senhores que eu não tenho medo”**, e declara : **“Estou em paz e pronto para partir”**”.

2 - CRISE FINAL E MORTE: DE 21 A 31 DE JANEIRO

A crise final se precipitou em seguida e, talvez, devido a uma pequena intervenção cirúrgica. A situação vai-se agravando nos dias seguintes segundo descrições de Enria e Viglietti.

Por alguma razão, a crônica de Viglietti termina neste momento.

Sobre os dias cruciais, ou seja, 30 e 31 de janeiro ele nos dá apenas algumas anotações superficiais. Podemos concluir que esteve presente apenas em parte no quarto.



Dom Bosco em seu leito de morte. Fotografia de Carlos Félix Deasti (Turim, 31 de janeiro de 1888).

Pela manhã de 30 de janeiro, depois de assinalar a inconsistência de Dom Bosco, sua condição desesperada. Viglietti limita-se a mencionar que dom Cagliero e o Padre Lazzeri rezaram e deram a bênção dos moribundos.

3 - SANTA MORTE

Nas primeiras horas de 31 de janeiro, as **últimas anotações de Viglietti**, completadas com outros vários acréscimos, diziam o seguinte:

Faltando um quarto para a uma, estando também presente Buzzetti, Dom Bosco olhou duas vezes para mim atentamente durante algum tempo e, depois, colocou sua mão sobre minha cabeça.

Buzzetti comentou com lágrimas nos olhos:

“Este é o penúltimo adeus, seja última bênção ao seu fiel (secretário). Eu nunca o vi olhar para alguém desta maneira, e deveria ser para ti”.

Eu sussurrei-lhe orações jaculatórias.

Faltando um quarto para as quatro, Dom Bosco entrou em agonia.

O estertor durou até as 5 menos um quarto...

Meio minuto depois de os sinos de nossa igreja tocarem o Angelus.

Dom Bosco tinha morrido”.

4 - O SEPULTAMENTO

4.1 - AS TRAMITAÇÕES PARA A SEPULTURA

Não foi fácil conseguir que Dom Bosco tivesse uma sepultura digna...

- **Desejo dos Superiores Salesianos:** sepultá-lo no Oratório, na cripta da Igreja de Maria Auxiliadora.

- **Oposição do Estado:** O presidente do Conselho de Ministros Francisco Crispi dissuadiu sua Majestade, alegando o perigo de que alguns aproveitassem as circunstâncias para fazer manifestações anticlericais.

- Porém, **como poderiam os salesianos fazer diligências** para que a **sepultura fosse feita em Paris ou Barcelona** os governantes tomaram outras iniciativas.

- **Desejo do governador de Turim:** sepultar Dom Bosco no cemitério comum.

- **Reação dos salesianos:** Através do Padre Antônio Sala, ecônomo-geral, comunicou-lhe que a prefeitura sempre respondera negativamente ao pedido de pagar a prazo as 19 mil liras que custavam a aquisição de um terreno no cemitério e que, finalmente, lhe havia enviado uma carta insolente.

- **Sugestão do Secretário Pagliano**, do primeiro ministro Crispi do Estado Italiano: sepultá-lo no Colégio dos salesianos em Valsálce.

Com isto todos seriam beneficiados: os salesianos estariam satisfeitos, ficando com os restos mortais de Dom Bosco e as autoridades ficariam a salvo de qualquer crítica e se resguardariam de ter que dar uma resposta negativa.

Prevendo-se que as tramitações seriam muito longas e que, como consequência, seria preciso solicitar a prorrogação do tempo que a lei fixava para o sepultamento dos mortos, convinha eliminar qualquer pretexto para uma negativa, como seriam as eventuais emanações do cadáver.

Por isso, os doutores Bestenti e Albertotti derramaram sublimado corrosivo nos cantos e nos acolchoados laterais do caixão antes de fechá-lo. Dessa forma, podia-se garantir que o cadáver não exalaria mau cheiro, mesmo que permanecesse um mês insepulto. Tudo já estava pronto para o traslado do féretro.

4.2 - O CORTEJO FÚNEBRE

Pelas três da tarde do dia 2 de fevereiro, as ruas pelas quais, como anunciaram os jornais, devia passar o cortejo fúnebre, estavam repletas de gente. O cortejo saiu pela porta da Igreja de Maria Auxiliadora, percorreu a rua do Cottolengo, o calçadão do Príncipe Oddone, a avenida Regina Margherita, a rua de Ariosto, retornando até o outro trecho da rua do Cottolengo, para entrar novamente na igreja. Na igreja entraram unicamente as Filhas de Maria Auxiliadora e o clero, muito numeroso.

Concluída a absolvição do defunto, foi permitido que o povo se aproximasse. A condução do cadáver fora tão solene e imponente que se pôde dizer que aquilo foi mais um triunfo ou uma apoteose do que uma função fúnebre.

O cálculo geral estimou em 200 mil (?) as pessoas que se apresentaram para honrar Dom Bosco com sua presença.

Depois que a multidão deixou o templo e as portas foram fechadas, os salesianos, com um pequeno acompanhamento, recolocaram o féretro na igreja de São Francisco de Sales, onde ficou oculto, à espera de serem concluídas as tramitações para sua sepultura definitiva.



Túmulo de Dom Bosco em Valsállice.

4.3 - OS RESTOS MORTAIS DE DOM BOSCO EM VALSÁLICE

Embora não se tivesse perdido totalmente as esperanças de inumar Dom Bosco no Oratório, o Capítulo Superior resolveu acelerar os preparativos em Valsállice.

A prefeitura concedera dois dias a mais para o sepultamento, que terminariam em quatro de fevereiro à tarde. Caso não chegasse à permissão para sepultá-lo na igreja de Maria Auxiliadora e o lóculo em

Valsállice não estivesse preparado, obrigado pelas disposições da saúde pública, o prefeito ordenaria que o féretro fosse levado ao cemitério público.

No dia 4 de fevereiro, quando terminava o prazo permitido para manter o cadáver dentro do recinto urbano, esperava-se com ansiedade crescente o bendito decreto.

Padre Antônio Sala não queria de maneira alguma, nem mesmo provisoriamente, que Dom Bosco fosse levado ao cemitério público. Estava disposto a escondê-lo em seu próprio quarto que, por se localizar na parte mais elevada e num setor separado da casa, prestava-se para livrá-lo das investigações da polícia.

Enfim, às 4 e meia da tarde chegou à permissão e todos puderam respirar com alívio. Uma hora depois, um coche fúnebre trasladava o corpo de Dom Bosco a Valsállice. No pequeno coche que Dom Bosco utilizava para seus passeios vespertinos, iam atrás dele, rezando o rosário, Padre Rua, dom Cagliero, padre João Bonetti e padre Antônio Sala. Seguiam-no outros dois coches, com o fiscal responsável e quatro coveiros. A insegurança, que durou até o último instante e o temor de algum jornalista mal-intencionado, obrigou a ocultar o traslado aos amigos e, assim, pôde ser feito sem que ninguém o percebesse.

Às 6 da tarde, o coche fúnebre entrava no pátio de Valsállice, recebido pelos clérigos estudantes que acompanharam o féretro até a capela. As ordens levadas pelo representante da Prefeitura eram que a inumação fosse feita naquela mesma tarde e que se redigisse uma ata; os operários, porém, ainda não tinham terminado de preparar o lóculo.

Por isso, procurou-se alongar o mais possível a cerimônia na capela.

O inspetor, alertado do problema, não demonstrou percebê-lo.

Os homens que deviam atestar o sepultamento foram entretidos, para ganhar tempo, convidando-os para uns copos de bom vinho; dessa forma, persuadidos de que o féretro de Dom Bosco já fora colocado na sepultura, assinaram o documento e foram embora.

Seu chefe, aproximando-se do Padre Júlio Barberis, murmurou-lhe ao ouvido: “Sou ex-aluno” e, dito isso, cumprimentou-o e foi embora.

Quando as testemunhas foram embora, o féretro foi depositado num pequeno coro, diante do qual se colocaram cortinas e tapeçarias, que dissimularam o “esconderijo”, e foi proibido falar do assunto fora do colégio com quem que fosse. O féretro permaneceu ali mais dois dias.

Por sorte, não houve nenhuma imprudência, de modo que se pode proceder tranquilamente ao sepultamento na 2ª feira, 6 de fevereiro. Tudo foi feito sem ruídos, ao anoitecer, para que os vizinhos não tomassem conhecimento.

5 - ECOS DA PERSONALIDADE DE DOM BOSCO APÓS A SUA MORTE

Dom Bosco apresenta-se como um padre de fé, aberto ao divino, ao sobrenatural, mas, em igual medida, plenamente encarnado nas realidades terrenas, mediante seu incansável trabalho educativo e social.

- Na imprensa:

As resenhas jornalísticas produzidas por ocasião de sua morte acentuam o impacto emotivo produzido neles e indicam que se estava diante de um personagem importante, um homem, um padre, exteriormente simples, modesto, mas de grande estrutura espiritual, com aspectos de personalidade de grande relevo.

- Na oração fúnebre do cardeal Alimonda

O arcebispo de Turim, Cardeal Alimonda (1818-1891), pronunciou, no funeral de trigésimo dia, um discurso memorável que para o Boletim Salesiano, ocupava o primeiro lugar “entre todos os elogios fúnebres”. Para o cardeal, Dom Bosco fez uma extraordinária obra de evangelização, movido pela caridade; mais ainda, de divinização do seu século, movido pelas quatro grandes paixões que marcaram sua ação :

1. **A educação e a pedagogia:** Escolhera tudo o que as novas “descobertas pedagógicas” exibiam e as animara de fé religiosa.
2. **A questão operária :** Dom Bosco ensinara a unir oração e trabalho. A questão operária era superada e, ainda mais, divinizada.
3. **A promoção do associacionismo:** Dom Bosco instituíra grandes famílias de educadoras e educadores voluntários, ladeados pela livre associação dos **Cooperadores**, com a finalidade de criar juntamente com as instituições juvenis uma grande família graças ao “método preventivo” que nelas se praticava.
4. **A expansão civilizadora a outros povos:** Dom Bosco divinizara “ a obra da cultura em regiões não civilizadas “para levar paz ,salvação e liberdade: não enviara seus filhos” “para submeter, mas para estender o Reino de Deus, com amor fervoroso pela Igreja e fidelidade inabalável ao Papa”. Na base de tudo, resplandecia claramente “a virtude íntima e divina que dominava durante sua vida o prodígio deste Servo de Deus”, sua “virtude animadora”, “a celestial caridade”, que tudo sofre, crê, espera, sustenta.

Estudos Formativos de Responsabilidade:
SC. Ivo José Bassani (Conselheiro para Formação)

FORMAÇÃO PERMANENTE REALIZADA EM ___ de ___ de ___
SC. _____